

AS METAMORFOSES EDITORIAIS  
DE *DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO* (1972, 1979)  
DE JOSÉ CARDOSO PIRES

THE EDITORIAL METAMORPHOSES OF *DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO*  
(1972, 1979) BY JOSÉ CARDOSO PIRES

*Eduarda Barata*

CHAM e Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

eduardabarata@fcsb.unl.pt

<https://orcid.org/0000-0001-8583-0553>

ABSTRACT

This article presents part of an investigation related to the different editions of the work *Dinossauro Excelentíssimo*, by José Cardoso Pires, namely the 1972 and 1979 editions. We conducted a comparative analysis (intratextual literary analysis) of these editions, which we have called macro-versions, since the remaining reeditions started from these. The observed changes regard not only the replacement of words and some phrases, but structural changes, which can alter the interpretation and reading of this literary piece. It can, in fact, be inferred, from these first readings, that the social and political context that Portugal went through at the end of the dictatorship and the beginning of the democratic period influenced some of the stylistic decisions. We affirm, therefore, that *Dinossauro Excelentíssimo* had two great metamorphoses.

*Keywords:* *Dinossauro Excelentíssimo*, edition, Estado Novo, Portugal, José Cardoso Pires

## RESUMO

Este artigo apresenta parte de uma investigação relacionada com as diferentes edições e reedições da obra *Dinossauro Excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, nomeadamente as de 1972 e de 1979. Será feita uma análise comparada (cotejando os textos) e intratextual dessas edições, que designámos por macroversões, já que delas partiram as restantes reedições. Não se trata somente de substituição de vocábulos e de algumas frases, mas de mudanças estruturais significativas, o que pode alterar a interpretação e a leitura da obra. Pode, aliás, inferir-se, a partir destas primeiras leituras, que o contexto social e político que Portugal atravessou no final da ditadura e início do período democrático influenciou algumas das decisões estilísticas tomadas pelo autor. Afirmamos, assim, que *Dinossauro Excelentíssimo* teve duas grandes metamorfoses.

*Palavras-chave:* *Dinossauro Excelentíssimo*, edição, Estado Novo, Portugal, José Cardoso Pires

*Dinossauro Excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, foi uma obra publicada e reimpressa em diferentes momentos, tendo sofrido metamorfoses. A primeira edição, de 1972, inaugura a jornada deste *Dinossauro* em plena época marcelista, e o contexto político explica a comoção que a narrativa provocou. Sete anos depois, no entanto, já em período democrático, José Cardoso Pires dá à estampa nova versão do *Dinossauro*, integrando-a na coletânea *O Burro-Em-Pé*, com significativas discrepâncias, de estilo e conteúdo, merecedoras da nossa atenção, pois revelam outras camadas e faces desta obra polipétala. Em 1988, outro *Dinossauro Excelentíssimo* integra a coletânea de contos *República dos Corvos*, tornando-se meta-fábula<sup>1</sup> caracteri-

<sup>1</sup> É uma meta-fábula por transcender a tipologia de género e pela activa transgressão dos limites do discurso literário para o oral e gráfico, causando uma rutura com o próprio conceito de fábula, sátira, novela e biografia (Barata, 2020).

zadora, também, deste bestiário literário. Após a morte do autor, em 1998, *Dinossauro Excelentíssimo* é republicado em 1999 para as Publicações Dom Quixote, porém com o texto da edição de 1972 retrabalhado e sem incluir as ilustrações de João Abel Manta. Não iremos, no entanto, focar-nos nesta edição, por limitação de espaço.

Fruto da continuação da pesquisa e reflexão iniciadas na investigação doutoral<sup>2</sup>, este artigo propõe uma leitura articulada das duas versões e edições de *Dinossauro Excelentíssimo*, pré e pós-25 de abril de 1974. Parte-se de uma análise intratextual no universo literário do autor, para uma discussão sobre como as distintas circunstâncias culturais e o contexto social e político determinaram as transformações observadas na(s) publicação(ões) de *Dinossauro Excelentíssimo*. Muito há a considerar para esta leitura comparativa, tendo sido selecionados alguns tópicos de três secções narrativas da meta-fábula para melhor ilustrar estas transformações: os *incipit*, as descrições das origens do Imperador e a estátua.<sup>3</sup>

#### ORIGEM E CONTEXTO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

José Cardoso Pires escreveu *Dinossauro Excelentíssimo* em dezembro de 1969 como uma história dedicada à sua filha mais nova, Rita (nome do vocativo a quem o narrador se dirige no decurso da história). Não por acaso, a obra só saiu do prelo após a morte de António de Oliveira Salazar, já que o escritor aguardava que houvesse um editor e uma gráfica para publicar a obra sem que tal implicasse demasiado comprometimento. Não nos deteremos nestes aspetos, visto que outros autores já se dedicaram à contextualização da edição da obra (por exemplo: Lepecki, 2003; Infante do Carmo, 2008; Reis

<sup>2</sup> Cf. Barata, 2020.

<sup>3</sup> A fim de facilitar a leitura e o acompanhamento das citações, os anos das mesmas serão grafados a negrito entre parêntesis. Nas citações, as frases a negrito são destaque nosso.

in Cardoso Pires, 2016; Abreu, 2018; Barata, 2020). A obra tem, de facto, uma história editorial peculiar.

Nesta altura, Portugal encontrava-se em pleno marcelismo, uma fase política marcada pelo governo de Marcelo Caetano (Presidente do Conselho) e Américo Tomás (Presidente da República), que decorreu de 1968 a 1974 e que constituiu o último período da ditadura em Portugal. Não obstante ter-se sentido a fase de transição, que se torna conhecida por “primavera marcelista”, durante a qual há alguma abertura, esta é sucedida por outra fase mais severa, que se define por um regresso à dureza das medidas do anterior Chefe de Estado. Uma característica que deve ser frisada é a preservação de todas as anteriores instituições, mudando-lhes, porém, os nomes (Barata, 2020: 189):

A renomeação das instituições de policiamento e vigilância, mantendo (e nalguns casos, reforçando) a génese repressiva, e as promessas (falhadas) de maior liberalização institucional e social são evidenciadas numa sessão da Assembleia Nacional em Novembro de 1972, seis meses após a primeira edição do livro (e depois do festivo sucesso que teve na Feira do Livro desse ano), por um deputado da oposição, Miller Guerra, que acusa o governo marcelista, a propósito de umas exéquias a um colega deputado falecido, de manter a mesma ditadura sob a farsa de um período de bonança política reformista. No entanto, o deputado Casal Ribeiro, da União Nacional, contesta tal afirmação, refutando que a liberdade está assegurada, e prova disso é a publicação do “infame Dinossauro” de Cardoso Pires. A obra motivou um aceso debate sobre a liberdade e a “ausência de censura” na Assembleia Nacional, o que conferiu ainda maior fama ao *Dinossauro Excelentíssimo* (...). [E] teve um sucesso sem precedentes, tendo chegado aos 25 000 exemplares vendidos, por ocasião da quinta edição, em Abril de 1973 (...).

Este episódio é mencionado no posfácio da edição de 1979<sup>4</sup> da fábula, no qual o autor nos relata (Cardoso Pires, 1979: 119):

Mas quando o texto foi lançado à circulação das letras nacionais, devidamente assinado e nos caracteres correntes, os animais da Corte desataram a assoprar nos seus covis de ouro. Na Assembleia Nacional o polvo almirante e o escorpião salazarento subiram à tribuna para excomungar e perseguir (devo-lhes a eles uma parte do êxito desse livro) e imediatamente apareceram os censores voluntários a rastejarem o ventre felpudo. No zénite da Comarca Lusitana hasteou-se a máscara do Excelentíssimo como uma provocação policial ao país silenciado.

Destacam-se o bestiário e o grotesco presentes nesta citação (e em todo o posfácio). Não temos, contudo, suficiente espaço aqui para nos debruçarmos sobre o bestiário de José Cardoso Pires, já explorado em outros trabalhos<sup>5</sup>. Passemos, então, à explanação das edições.

#### AS EDIÇÕES DA LIBERDADE: A EDIÇÃO DE 1979 E A DE 1988

*Dinossauro Excelentíssimo* é de novo editado, mas como parte da antologia de contos *O Burro-Em-Pé* (1979), tal como em *República dos Corvos* (1988), em que surge acompanhado por outras alimárias que satirizam e simbolizam a condição humana.

A propósito da publicação de *República dos Corvos*, e dos “bestiários privados” que cada indivíduo leva consigo, diz-nos o autor sobre os dinossauros e a subespécie dos “tiranossauros” que ainda sobrevive, numa entrevista (Letria, 1989: 9):

<sup>4</sup> O posfácio só consta da edição de 1979.

<sup>5</sup> Cf. Barata, 2012.

*Fim de Semana* – Que lugar reserva nessa república fabular ao dinossauro?

José Cardoso Pires – O dinossauro é um animal de museu. Os exemplares que ainda sobrevivem, Pinochet, Stroessner, Pol Pot, Ceausescu e poucos mais pertencem à subespécie dos *Tyrannosaurus* que é a mais depredadora. (...) Pois bem, a República dos Corvos também teve o seu dinossauro e esse ainda por cima passou à História como monstro piedoso. Piedoso e cristianíssimo ainda para mais. Como toda a gente sabe e está prestes a esquecer, Salazar foi durante meio século abençoado da Santa Sé. Ainda hoje lhe restam apóstolos desesperados como o dr. Franco Nogueira que procuram transformá-lo em mito sebastiânico, e foi por causa desse revivalismo culposos que fiz desse dinossauro uma personagem do meu livro.

O “dinossauro” surge, então, entre os demais bichos e bestas de ambas as antologias, a fim de reforçar a persistência da memória contra o “revivalismo culposos” e a tentativa de transformação dos 48 anos de ditadura em algo similar a um “mito sebastiânico”, obliterando a opressão que se viveu em Portugal. De facto, o leitor subentende que o alvo da fábula é o ditador, embora o seu nome nunca seja mencionado. É uma metáfora que, sem precisar de explicações, é de imediato intuída pelo leitor através da cumplicidade criada pelo narrador não só com os apartes que faz à Ritinha, mas também pela linguagem muito próxima da oralidade.

#### DIFERENÇAS ENTRE A EDIÇÃO DE 1972 E 1979: A ESTRUTURA NARRATIVA

A edição de 1972 é acompanhada das 21 ilustrações de João Abel Manta em extratexto; e a edição revista pelo autor após o 25 de abril de 1974, a de outubro de 1979, contém uma ilustração de Júlio Pomar. Só esta inclui o posfácio, do qual já mencionámos alguns trechos.

A partir de 1979, *Dinossauro Excelentíssimo* é publicado em coletâneas: *O Burro-Em-Pé*, em 1979 (Lisboa, Moraes Editores), e *A República dos Corvos*, em 1988 (Lisboa, Publicações Dom Quixote). As maiores diferenças registam-se entre as edições de 1972 e as de 1979 (e 1988). Podemos assumir que há duas macroversões do texto. Nas edições de 1999 e de 2016, nas quais *Dinossauro Excelentíssimo* recupera a sua forma original, tendo sido publicada isoladamente, é retomada a macroversão de 1972. Todavia, figura a macroversão de 1979 nas edições *O Burro-Em-Pé*, de 2010 (reimpresso em julho de 2011), e *A República dos Corvos*, também de 2010. Acrescente-se que a mais recente, de 2016, para um dos livros da coleção RTP, recupera as ilustrações de João Abel Manta (algo que não sucedera na de 1999). É o nono volume da coleção, com prefácio de Carlos Reis. Sobre as ilustrações e o cuidado visual da obra, Carlos Reis adita:

Veremos como em *Dinossauro Excelentíssimo* está contemplada a imagem, associada aos regimes da paródia, da expressão alegórica e da biografia política (...). Trata-se, como desde logo é evidente, de elaborar um retrato do ditador Salazar, conjugado com o discurso das artes plásticas [...]. [A obra] não dispensa as ilustrações de João Abel Manta. Erradamente, certas reedições do relato que agora se publica abdicaram dessa componente iconográfica e, desse modo, mutilaram uma obra que dela carece como seu indispensável elemento compositivo.

(Carlos Reis in Cardoso Pires, 2016: 8/9)

Além disto, é provável que existam mais do que duas ou três versões do mesmo texto do *Dinossauro*, além da de 1972 e 1979/1988. Crê-se que a última edição revista pelo autor é a que consta em *República dos Corvos* (1988) e que figura nas edições de 2010. A mais recente edição, de 2016, integrada na coleção de Livros da RTP e com nota introdutória de Carlos Reis, recupera o texto de 1972 sem,

porém, fazer alusão às diferenças observadas entre o texto publicado antes do 25 de abril e aquele publicado já em período democrático.

Este artigo marca o início de um estudo de edição crítica e filológica sobre as diferentes versões de *Dinossauro Excelentíssimo*.

As edições de 1972 e de 1979 são bastante diferentes: basta referir o facto de a primeira ter sido publicada ainda quando existia censura (ou, como se passou a denominar eufemisticamente no tempo do marcelismo, “exame prévio”), e a última não. Assim, há (largos) trechos que existem numa edição e não noutra, e vice-versa. Outra diferença prende-se com a estrutura narrativa: a edição de 1972 é dividida em várias partes – um introito, no qual o narrador introduz a fábula; a “Parte Primeira”, intitulada “O Homem que veio do nada”, seguida da “Parte Segunda”, chamada “O Reino”, a “Parte Terceira”, denominada “As Palavras” e, finalmente, o “Epílogo”. Isto é importante, já que a vivacidade gráfica a que aduzimos é mais evidente na primeira edição, de 1972, e em 1999 e 2016, não só por existir esta divisão estrutural da fábula, mas porque certos elementos “folhetinescos” foram preteridos nas edições de 1979 e 1988, como por exemplo:

NUM GOLPE DE GÉNIO O IMPERADOR SALVA UMA ILHA NAUFRAGADA. (Cardoso Pires, **1972**: 41)

SERIA, POIS, NO MAIS SECRETO ISOLAMENTO, QUE IRIAM TER LUGAR OS... [mudança de página] NOVOS E SENSACIONAIS EPISÓDIOS DO DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO.<sup>6</sup> (Cardoso Pires, **1972**: 56-57)

<sup>6</sup> Esta divisão também consta da edição de 1999.



Estas frases, como outras, foram retiradas da edição de 1979. Atentemos ao grafismo das maiúsculas e destaques feitos pelo autor: nos títulos, subtítulos e outras expressões, bem como palavras destacadas a negrito ou intercaladas com linguagem onomatopaica diversa, jogando com o plurilinguismo e uma forma falada de brincar, próxima da teatralidade (Cardoso Pires, 1972: 72): “TCHAP!” ou (Cardoso Pires, 1972: 77): “Chamaram sábios estrangeiros à **cause des mouches** e **because of les mouches** (...)”. De facto, a edição de 1972 tem um cuidado gráfico e visual pensado e acautelado pelo autor – as próprias anotações do autor nas versões para publicação incluíam as alterações gráficas. É deste modo veiculada uma oralidade quase teatral, tipo banda desenhada, folhetinesca, de ribombante efeito na leitura (a *vivacidade* de que falamos), brincando e jogando, concomitantemente, com o tema da ditadura e da censura enquanto se dirige à Ritinha. Por exemplo, no caso da última citação em maiúsculas, a mudança de página que corta a frase introduz a “Parte Terceira”, onde terão lugar os “NOVOS E SENSACIONAIS EPISÓDIOS”. Este jogo ou brincadeira “com coisas sérias” mantém-se até ao final da narrativa. Seguimos nós, leitores, o narrador e a narratória nesta leitura viva e auditiva.

Em *Dinossauro Excelentíssimo*, as diferenças estilísticas e estruturais são tantas que justificam uma leitura comparada extensiva e pormenorizada como exercício filológico e comparativo. Não se trata apenas de ligeiras mudanças, de uma questão de pontuação ou substituição de um vocábulo ou outro (como acontece se compararmos somente a edição de 1979 com a de 1988), mas de largos trechos no texto, eliminação de certos episódios, diferenças no tratamento gráfico de títulos e subtítulos, e, além disso, pela questão da tematização da censura, no que tange à forma como a *palavra* é explorada na fábula como tema e motivo gráfico, visual e impressivo. A seguinte

tabela demonstra a extensão dessas diferenças<sup>7</sup> entre as macroversões de 1972 e 1979:

| Secções de texto<br>[código: títulos de<br>secções (redondo),<br>subtítulos ( <i>itálico</i> ),<br>inícios de subsecções<br>(negrito) ou<br>frases destacadas<br>(MAIÚSCULAS)] | Diferenças<br>mínimas<br>(pontuação,<br>substituição de<br>palavras) | Diferenças estruturais<br>(remoção de texto,<br>substituição de parágrafos,<br>inclusão de texto)                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Incipit</i> : “Hoje em dia<br>pode roubar-se tudo a um<br>homem [...]”                                                                                                      |                                                                      | Adição e remoção de frases.                                                                                              |
| Parte Primeira<br>O Homem que Veio do<br>Nada                                                                                                                                  |                                                                      | Título inexistente na<br>macroversão de 1979.                                                                            |
| <b>Supõe-se, está<br/>vagamente escrito...</b>                                                                                                                                 | Adição e<br>substituição de<br>palavras.                             |                                                                                                                          |
| <i>Respeito, cidadãos<br/>ignorantes!</i>                                                                                                                                      | Adição e<br>substituição de<br>palavras.                             | Remoção e inclusão de texto.                                                                                             |
| <i>E um belo dia...</i>                                                                                                                                                        |                                                                      | Só existe este subtítulo na<br>macroversão de 1972; na de 1979<br>surge integrado na frase: “Mas<br>como diz o outro...” |
| <i>Nuvens de jumentos<br/>ameaçam os fugitivos</i>                                                                                                                             |                                                                      | Diferenças estilísticas e<br>estruturais entre as duas<br>macroversões (1972 e 1979).                                    |

<sup>7</sup> Por limitação de espaço, só destacamos as principais diferenças entre secções, subtítulos e alguns destaques gráficos entre as edições de 1972 e 1979.

| <b>Secções de texto</b><br>[código: títulos de<br>secções (redondo),<br>subtítulos ( <i>itálico</i> ),<br>inícios de subsecções<br>(negrito) ou<br>frases destacadas<br>(MAIÚSCULAS)] | <b>Diferenças<br/>mínimas</b><br>(pontuação,<br>substituição de<br>palavras) | <b>Diferenças estruturais</b><br>(remoção de texto,<br>substituição de parágrafos,<br>inclusão de texto)                                                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Na cidade dos doutores</i>                                                                                                                                                         |                                                                              | Remoção e inclusão de texto.                                                                                                                                        |
| <i>Os mestres receberam-no<br/>com dureza</i>                                                                                                                                         |                                                                              | Diferenças estilísticas e<br>estruturais entre as duas<br>macroversões (1972 e 1979).                                                                               |
| Parte Segunda – O Reino                                                                                                                                                               |                                                                              | Título inexistente na<br>macroversão de 1979.<br>Macroversão de 1979: “Parte<br>Segunda” é removida. Mudança<br>assinalada somente com<br>parágrafo, sem separador. |
| <i>Quando o mar bate na<br/>rocha</i><br><i>Quem se lixa é o mexilhão</i>                                                                                                             | Inclusão e<br>substituição de<br>palavras.                                   |                                                                                                                                                                     |
| <b>Declara-se a invasão<br/>dos dê-erres</b>                                                                                                                                          |                                                                              | Como título, é inexistente na<br>macroversão de 1979. Por<br>vez disso, a expressão surge<br>integrada no texto, com destaque<br>do parágrafo, em maiúsculas.       |
| <i>Mas na parada dos<br/>doutores aparecem os<br/>pedintes-voadores</i>                                                                                                               |                                                                              | Diferenças estilísticas e<br>estruturais. Na macroversão de<br>1979 consta:<br><i>Na parada dos doutores</i><br><i>Os pedintes-voadores</i>                         |

| Secções de texto<br>[código: títulos de<br>secções (redondo),<br>subtítulos ( <i>italico</i> ),<br>inícios de subsecções<br>(negrito) ou<br>frases destacadas<br>(MAIÚSCULAS)] | Diferenças<br>mínimas<br>(pontuação,<br>substituição de<br>palavras) | Diferenças estruturais<br>(remoção de texto,<br>substituição de parágrafos,<br>inclusão de texto)  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A CÂMARA DE<br>TORTURAR<br>PALAVRAS                                                                                                                                            |                                                                      | Macroversão de 1972: subtítulo<br>de secção.<br>Macroversão de 1979: destaque<br>de parágrafo.     |
| <i>A estátua que fala</i>                                                                                                                                                      |                                                                      | Diferenças estilísticas e<br>estruturais.<br>Na macroversão de 1979 consta<br>só: <i>A estátua</i> |
| <i>Dr...rrrrr!</i>                                                                                                                                                             |                                                                      | Diferenças estilísticas e<br>estruturais.                                                          |
| <i>Num golpe de génio<br/>O imperador salva uma<br/>ilha naufragada</i>                                                                                                        |                                                                      | Esta secção só consta da<br>macroversão de 1972. Secção<br>inexistente na de 1979.                 |
| <i>Passaporte em sete chaves</i>                                                                                                                                               |                                                                      | Diferenças estilísticas e<br>estruturais.                                                          |
| <i>Prisioneiro!</i>                                                                                                                                                            |                                                                      | Macroversão de 1972: subtítulo<br>de secção.<br>Macroversão de 1979: destaque<br>de parágrafo.     |
| <i>O Discurso Fatal</i>                                                                                                                                                        |                                                                      | Mais extensa na de 1972 (cerca de<br>3 páginas a mais).                                            |

| <b>Secções de texto</b><br>[código: títulos de secções (redondo), subtítulos ( <i>itálico</i> ), inícios de subsecções (negrito) ou frases destacadas (MAIÚSCULAS)] | <b>Diferenças mínimas</b><br>(pontuação, substituição de palavras)               | <b>Diferenças estruturais</b><br>(remoção de texto, substituição de parágrafos, inclusão de texto)                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Parte Terceira – As Palavras                                                                                                                                        | Parte encimada por “Novos e sensacionais episódios do dinossauro excelentíssimo” | Título inexistente na macroversão de 1979.                                                                                                                                                                                                          |
| <i>No gabinete</i>                                                                                                                                                  |                                                                                  | Diferenças estilísticas e estruturais entre as duas macroversões (1972 e 1979).                                                                                                                                                                     |
| <i>Tempos depois</i>                                                                                                                                                |                                                                                  | Macroversão de 1972: subtítulo de secção.<br>Macroversão de 1979: destaque de parágrafo.                                                                                                                                                            |
| <i>O enigma dos espelhos ensinados</i>                                                                                                                              |                                                                                  | Diferenças estilísticas e estruturais entre as duas macroversões (1972 e 1979).                                                                                                                                                                     |
| <i>Está lá? – O Mundo perde as comunicações</i>                                                                                                                     |                                                                                  | Título inexistente na macroversão de 1979. O recado das “folhas viajadas” também. Parte muito mais extensa na macroversão de 1972: é nesta secção que a Câmara de Torturar Palavras expelle as serpentes de palavras e o anagrama MORDE-MEDO-ORDEM. |

| <b>Secções de texto</b><br>[código: títulos de<br>secções (redondo),<br>subtítulos ( <i>itálico</i> ),<br>inícios de subsecções<br>(negrito) ou<br>frases destacadas<br>(MAIÚSCULAS)] | <b>Diferenças<br/>mínimas</b><br>(pontuação,<br>substituição de<br>palavras)  | <b>Diferenças estruturais</b><br>(remoção de texto,<br>substituição de parágrafos,<br>inclusão de texto)                                                 |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Dinossauro, morte primeira</i>                                                                                                                                                     | Divisão<br>inexistente na<br>de 1972.                                         | Título inexistente na<br>macroversão de 1972.                                                                                                            |
| Epílogo                                                                                                                                                                               | Divisão<br>inexistente na<br>de 1979.                                         | Título inexistente na<br>macroversão de 1979.                                                                                                            |
| <i>Alarme geral</i>                                                                                                                                                                   | Início secção<br>na macroversão<br>de 1972.<br><br>Inexistente na<br>de 1979. | Secção inexistente na<br>macroversão de 1979.                                                                                                            |
| (Morte do Dinossauro)                                                                                                                                                                 |                                                                               | Diferenças estilísticas e<br>estruturais entre as macroversões<br>de 1972 e 1979. Cf. Nota 9.                                                            |
| <b>Posfácio</b>                                                                                                                                                                       |                                                                               | Só existe na edição de 1979. Não<br>faz parte da macroversão de<br>1972, e não é publicado em mais<br>nenhuma edição que se baseie<br>nesta macroversão. |

A partir da observação desta tabela, demonstra-se a relevância de examinar as duas edições cotejando-as como fonte de análise comparatista para estudos intratextuais e contextuais, visto que terá toda a pertinência considerar a obra na edição de 1972 e de 1979, antes e depois do 25 de abril, enquanto “exercício de consciencialização histórica”. (Lepecki, 2003: 139)

*OS INCIPIT*

Passemos então à meta-fábula *Dinossauro Excelentíssimo*. Antes de dar início à história, o narrador dirige-se num aparte à sua filha Ritinha (e, por antonomásia, ao Leitor) – e para isso, começa por falar da morte. E vejamos como, nas duas edições, tal é apresentado (a primeira citação é sempre a mais antiga). Eis o *incipit* completo (os destaques a negrito são nossos)<sup>8</sup>:

«Hoje em dia pode-se roubar tudo a um homem – até a morte. Rouba-se-lhe a morte com a mesma facilidade com que se lhe rouba a vida, a face ou a palavra, que são coisas mais que tudo inestimáveis» – disse o contador de estórias à sua filha Ritinha.

**De facto**, não há muito tempo existiu no Reino do Mexilhão um **imperador** que na ânsia de purificar as palavras acabou por ficar entevado com a **paralisia da mentira**. Ainda lá está, dizem. E não é homem nem é estátua porque a ele, sim, roubaram-lhe a morte. Não faz parte deste nosso mundo nem daquele para onde costumam ir os cadáveres, embora cheire terrivelmente. Quando muito é isso, um cheiro. Um fio de peste a alastrar por todas as vilas do império. (Cardoso Pires, 1972: 9)

E na edição de 1979 e 1988:

Hoje em dia pode roubar-se tudo a um homem, até a morte – disse o contador de estórias à sua filha Ritinha.

**Contou mais o contador**, falando de certo Reino onde nos velhos outroras vivia um **imperador astuto, diabo e ladrão** – imperador

<sup>8</sup> No caso de apresentação de duas citações seguidas, optámos por localizar a referência no final das mesmas, e não antes de se fazer a citação, visto que o procedimento facilita a leitura.

esse que, à força de matar palavras no falar de cada um, finou os seus ricos dias em **paralisia da mentira**, de sorte que não se sabe **se afinal ele era homem, se era estátua ou apenas descrição**. Que o saiba quem quiser saber, é questão de procurar (disse o dito contador) pois se firmar bem a vista vê-lo-á no horizonte como um vulto de destroços, arrecife ou praga seca, engalanado em discursos e ossadas.

Paz à sua alma – se é que continua vivo. Porque se trata de alguém a quem roubaram a morte própria, em castigo da mentira com que ele mesmo se inventou. (Cardoso Pires, 1979: 57 e 1989: 109)

A principal diferença, além da extensão do texto, é o valor da morte. O roubo da morte – ou seja, do registo de que morreu, da história, da memória – é equiparado ao roubo da “vida, a face ou a palavra”, coisas “inestimáveis” por serem as que definem a identidade, o homem, o humano. Mas a que “roubo” se refere o “contador de estórias” à Ritinha? Depois do aparte de 1972, não há resposta. Fica a dúvida a iniciar a leitura; e principia a história. Entramos, depois, no domínio da fábula, cujos elementos estruturais, com especificidades próprias, são o *tempo* – uma referência vaga e abstrata, como se pretende numa fábula; o *espaço* – um reino, o Reino do Mexilhão, que poderia assemelhar-se aos reinos míticos e fantásticos dos antigos contos germânicos; e a *personagem*, o imperador e o que, sumariamente, lhe terá acontecido – ficou “entrevado com a paralisia da mentira”.

No *incipit* de 1979, o aparte menciona apenas a morte, omitindo “a vida, a face ou a palavra”, e o qualificativo “inestimáveis”. Mas a extensão que se viu reduzida no aparte não sucede no restante *incipit*: de facto, o imperador é “astuto, diabo e ladrão”, e o tempo remete aos “velhos outroras”. Outra diferença: na primeira frase da história, substituiu-se o “De facto” com “Contou mais o contador” – o que estabelece um contraste no grau de verosimilhança entre ambas as



versões. Na primeira versão, há uma história que se pretende muito similar àquilo que aconteceu. Falamos quase de um testemunho, de uma experiência relatada: “De facto”, pois assim foi, assim sucedeu, assim teve lugar naquele Reino do Mexilhão. No segundo caso, o grau de verosimilhança afasta-se de um testemunho escrito para dar lugar à história popular ou à história contada – afinal, o nome do Reino também já não é explícito, basta um “certo”, determinante indefinido, que o antecede, como “piscadela de olho” ao leitor. Tal imprecisão é reforçada no final do *incipit*, quando, por ter morrido na “paralisia da mentira” (na versão anterior havia ficado apenas “entrevado” – ainda vivia!), “(...) não se sabe se afinal ele era homem, se era estátua ou apenas descrição.”<sup>9</sup>

No *incipit*, já temos registo de duas noções diferentes associadas ao mesmo género da fábula: sabemos, por Aristóteles, que as fábulas são histórias que pretendem exemplificar o que quer que seja (valor moral, acontecimento, consequência de uma ação), sendo utilizadas quando não há exemplo histórico, *factual*, mas aqui dá-se uma reversão de todos esses valores. História, lenda e fábula mesclam-se (Abreu, 2018) para nos convidar a entrar em “certo Reino” que já foi, conhecidamente, o “Reino do Mexilhão”, mas que, devido à des-

<sup>9</sup> Tais graus de verosimilhança são corroborados no final da obra, quando o *Dinossauro* morre. Enquanto na macroversão de 1972 lemos (Cardoso Pires, 1972: 101): “Reza a História que Dinosaurius Um faleceu a tantos de tal, hora da Comarca dos Doutores, fulminado por uma síncope de amnésia. A dado instante esqueceu-se que estava vivo e pronto. Faleceu.” Na macroversão de 1979 consta “Dinossauro, pax perpetua, Dies irae, faleceu com suores de santidade na hora mais alta do século, ano da Comemoração.” (Cardoso Pires, 1979: 116). A expressão “Reza a História (...)” prefigura a ideia de uma história passada de boca em boca, relatada e ouvida, registada como história oficial (daí a inicial maiúscula). Na macroversão de 1979, a morte do dinossauro é dada como facto assente, pese embora a data surja como “hora mais alta do Século, ano da Comemoração”.

memória de que nos falou o Autor no posfácio<sup>10</sup> na edição de 1979, já serão poucos aqueles que sabiam o nome do Reino. Pois se o Imperador morreu na “paralisia da mentira” – e já não está entrevado – outros vieram retomar o seu lugar, e mudaram o nome ao reino (que se viu democrático).

Não obstante, não esqueçamos aqui o valor do contexto histórico para a interpretação de o imperador estar “entrevado” e depois ter finalmente morrido, com a mesma paralisia da mentira. Quando José Cardoso Pires escreveu *Dinossauro Excelentíssimo*, entre o Natal de 1969 e março de 1971, Salazar já havia caído da sua cadeira de lona em 1968, tendo-lhe sido declarada incapacidade física meses depois. Até morrer, em 1970, a tamanha reverência dos aduladores e burocratas que o rodeavam preserva um “salazarismo fingido”, o que também é descrito, por via satírica e fabulosa, pelo “contador de estórias” à Ritinha. Por estas razões, o valor da expressão “entrevado com a paralisia da mentira” recupera outro valor, mais intrinsecamente ligado ao contexto político de *farsa* que se vivia na época em que a primeira versão da fábula foi escrita.

A divisão estruturada nas secções que explicitámos atrás não consta das edições de 1979 e 1988, como também podemos consultar na tabela, mas a base do conteúdo é a mesma. Na “Parte Primeira – O Homem que Veio do Nada”, são relatadas as origens humildes do imperador: “Supõe-se, está vagamente escrito, que esse imperador

<sup>10</sup> Cardoso Pires, 1979: 120: “Mas há desmemória e mentira a larvar por entre nós e forças interessadas em desdizer a terrível experiência do passado, transformando-a numa calúnia ou em algo já obscuro e improvável. É por isso, e só por isso, que retomei o *Dinossauro Excelentíssimo* e o registo como uma descrição incómoda de qualquer coisa que oxalá se nos vá tornando cada vez mais fabular e delirante.”

veio realmente do nada.”<sup>11</sup> (Cardoso Pires, 1972: 11) Desde cedo, todos em seu redor compreendem o seu talento para as palavras difíceis. Perante tal, os pais, paupérrimos, viram-se na obrigação de vender o burro e o quintal por compreenderem a necessidade de se cumprir ali o destino do seu filho, e então (Cardoso Pires, 1972: 21): “[...] levaram-no para uma universidade que ficava do outro lado da montanha”.<sup>12</sup>

#### O REINO

Conhecemos então o Reino, que denomina também a Segunda Parte, na macroversão de 1972. O menino que temos vindo a ver crescer e a cultivar as palavras em frases de longo ornato é chamado para imperador do Reino, um reino de frio, desconfiança e fome. Esta fome traz uma criatura que é a oposição simbólica do Imperador: o mexilhão.

Na verdade, o Reino é composto por quatro grupos de personagens, além do imperador e do mexilhão:

- Os camponeses, os únicos que não são levados pelas brisas da fome e do oceano;
- Os mexilhões;
- Os dê-erres, uma estirpe de burocratas e adulares que rodeia o Imperador;
- E os padres, que povoavam o Reino.

<sup>11</sup> Na macroversão de 1979: “Supõe-se, está vagamente escrito, que o tal imperador nasceu simplesmente do nada.” (p. 59)

<sup>12</sup> Nesta edição, o destaque “ENTRE NUVENS”, em parágrafo isolado e a meio da página, desaparece. Este destaque só consta da macroversão de 1979.

Além destes, aparecem, mais tarde, os turistas; e teremos ainda os habitantes da “ilha naufragada”. Cada grupo de personagens corresponde a um bloco crítico-simbólico do período histórico – a ditadura.

É possível afirmar que o mexilhão é a contraparte simbólica do Imperador, uma vez que se estabelece uma relação interdependente entre ambos. De facto, dá-se uma relação de acentuado contraste entre um e outro: o mexilhão, ser só “tripa e casca” e o Imperador, que se transformará numa criatura de magnitude – o dinossauro –, ou monumentalidade – uma estátua. Temos, por um lado, uma “criatura mirrada”, considerada insignificante, submetida aos desígnios de um poder absoluto, corporizado pelo imenso Imperador, que tudo determina na sua excelentíssima capacidade de reorganização do mundo através das palavras (ou, metaforicamente falando, da censura). Vejamos como o contador de estórias nos conta dos camponeses e do mexilhão (Cardoso Pires, **1979**: 71-72):

O Reino naquela época tremia de frio e desconfiança. Tinha-se deslocado mais para a beira-mar, não se sabe bem porquê mas calcula-se: fome. A fome vinha do interior e varria tudo para o oceano.

Nesta leva desgarrada, escapavam os camponeses, que tinham a barrega curtida, eram cardos e que se cravavam na terra à dentada, como uns danados. [...] Os restantes, os que não conseguiam enganar os vendavais, fugiam de roldão pelo país, (...) até se verem diante do mar, acossados. Uma vez ali, ou entregavam o corpo aos caranguejos ou faziam como o mexilhão: pé na rocha e força contra a maré. Daí o nome de Reino do Mexilhão que lhe pôs a geografia em homenagem a esse marisco mais que todos humilde, só tripa e casca.

*Quando o mar bate na rocha  
quem se lixa é o mexilhão*

Criatura (porque o é), criatura à margem e mirrada, coisa pequena; bicho que se alimenta de água e sal, do sumo da pedra ou de milagres – o mexilhão, vida negra, tem a ciência certa dos anónimos: pensa e não fala, sabe por ele.

A descrição do Reino do Mexilhão segue-se à chamada que o menino recebe para se tornar imperador, tanto numa como noutra edição (Cardoso Pires, **1972**: 25-26):

O Reino naquela época tremia de frio e de dificuldades. Tinha-se deslocado para a beira-mar, não se sabe bem porquê mas supõe-se: fome. A fome vinha do interior e varria tudo para o oceano.

Nesta leva desgarrada, escapavam os camponeses, que tinham a barriga curtida, eram cardos, e que se cravavam na terra como uns danados, à dentada. [...]

Os restantes, os que não tinham conseguido enganar a fúria dos vendavais, fugiam de roldão pelo país fora, (...). Uma vez ali, ou entregavam o corpo aos caranguejos ou faziam como o mexilhão: pé na rocha e força contra a maré. Daí, o nome de Reino do Mexilhão que lhe pôs a geografia em homenagem (homenagem?) a esse marisco mais que todos humilde, só tripa e casca.

A homenagem é questionada pelo contador de histórias nesta última citação. Notemos que ao mexilhão é atribuída a condição da humildade e da pobreza, virtudes agraciadas pelo imperador e pela estirpe dos dê-erres, o que se torna evidente num dos primeiros discursos do Imperador, no qual conta a história da “Camisa do Homem Feliz” e da alegria que é ser-se pobre<sup>13</sup>. Assim, deduzimos que, num

<sup>13</sup> O “mito da pobreza honrada” é um dos sete mitos que consolidam o salazarismo, sistematizados e analisados pelo historiador Fernando Rosas (2001). António de Oliveira

reino de palavras assépticas, o que importa é a humildade de pouco falar, pouco ter e a felicidade da pobreza, valores mais altos do reino. É uma homenagem irónica, daí a interrogação que a acompanha na edição de 1972: glorifica os que fogem da fome, os desgraçados “de tripa e casca”. Na edição de 1979, esta interrogação é elidida.

#### OS DÊ-ERRES, A CÂMARA DE TORTURAR PALAVRAS E A ESTÁTUA

Ainda nesta segunda parte d’O Reino, segue-se a “invasão dos dê-erres” (Cardoso Pires, **1979**: 73). Os dê-erres são, nem mais, os “doutores”, o séquito de agentes da burocracia, a arma infalível do poder do Imperador. Atentemos ao aparte do contador de estórias à Ritinha, aparte que consta somente da edição de 1972, que melhor nos explica que cidade é esta:

Cada terra dá o que tem, a mais não é obrigada. Desfralda-se o Alentejo em cortiça da melhor, o Algarve em sol e praias. Diamantes vêm de Angola, parece; da América ouro e guerras. Terras há que dão o vinho, outras pedras e emigrantes. A cidade para onde se dirigiam os três camponeses produzia doutores – e isto não consta da Geografia. Toma nota, Ritinha. (Cardoso Pires, **1972**: 20)

A “Cidade dos Doutores”, percebemos nós, é Coimbra:

Levado na onda de padres e aprendizes, saudado pelo comércio, envolvido pelo cheiro do azeite que ardia nos lampadários, o pequeno camponês atravessou becos e quelhas, penetrou no antepassado, no luto.

Salazar entendia que a humildade portuguesa, eufemismo que designaria a pobreza, era uma das grandes virtudes de se ser português (Rosas, 2001).

A própria Sé estava terrível e sombria, carregada de séculos (Cardoso Pires, **1972**: 21-22).

Os dê-erres constituem o aparelho que sustenta todo o poder do Dinossauro. Como um desfile de máscaras, percorrem o país assegurando que o domínio do imperador se consolida devidamente (Cardoso Pires, **1979**: 73): “Eram os cidadãos do interior, filhos ricos de montanhese, que avançavam, friamente treinados pelos mestres da cidade dos doutores.” Estes “dê-erres” designam os doutores das leis que tinham tanto ou mais poder que o próprio imperador, outorgando decretos sob o lema daquele, o tal “Saber e Autoridade” que nos vai acompanhando – lema, aliás, desdenhado pelos mexilhões:

Tinham obrigado os mexilhões a vestir de escuro porque a vida não estava para graças, e decretaram que de futuro o riso seria a máscara do desdém, o falar a capa dos ignorantes e a alegria o fumo da inconsciência. Assim, sem mais conversa. Que se passasse aviso e se cumprisse, soma e segue, Reino da Comarca, tantos de tal. (Cardoso Pires, **1979**: 74)

É com esta invasão que compreendemos os verdadeiros contornos da “política da palavra” e de uma “retórica de substituição” que será depois desenvolvida pelo imperador na sua Câmara de Torturar Palavras. Tais contornos pressupõem um reino de farsa e ocultação de palavras, mascaradas por meio de outras: “(...) onde se lia pobreza devia ler-se modéstia (...)” (Cardoso Pires, **1979**: 74).

Enquanto tudo isto sucede, os mexilhões fazem “circular certos ditos venenosos”, pois, já sabemos, são criaturas “mirradas”, mas que muito pensam, fechando-se na casca (Cardoso Pires, **1972**: 31): “Foi a partir daí que começaram a correr certos ditados de ocasião, só para governo dos mexilhões, naturalmente, e que não faziam o

menor sentido a não ser para eles”. Descontente com tais ditos venenosos, e ainda “no tempo em que a palavra de cada um não tinha valor oficial” (Cardoso Pires, **1979**: 78), o Imperador decide construir “a ordem e a consciência”, e elabora um “plano que pusesse o Reino a falar numa linguagem pura e severa (...)” (Cardoso Pires, **1979**: 78). Cria, assim, a “Câmara de Torturar Palavras” (Cardoso Pires, **1979**: 81):

Aquilo que até ali não passava de um gabinete de silêncio e mesa dourada iria ser conhecido por

#### A CÂMARA DE TORTURAR PALAVRAS

onde o verbo e o substantivo, a cedilha e restante população dos dicionários sofreriam tratamentos de último grau.

Ou ainda, na edição de **1972**:

Aquilo que até ali não passava de um modesto gabinete sem nada de especial iria ser conhecido por

#### A CÂMARA DE TORTURAR PALAVRAS

onde verbos e substantivos, cedilhas e restante população dos dicionários sofreriam tratamentos em último grau. (Cardoso Pires, 1972: 35-36)

É neste momento que sucede a transformação numa estátua:

[...] Penetrar no gabinete era impossível. Os únicos que tinham licença de chegar mais perto — os pares do Reino e um ou outro notável em visita — ficavam na sala ao lado, onde reunia o conselho dos excelentes, e esperavam pelo Imperador.



Em boa verdade ele já lá estava e há muito. De pé, atrás da cadeira da presidência. Numa estátua em tamanho natural. (Cardoso Pires, **1979**: 82)

#### *A estátua*

Vestidos em rigor de luto, os cortesãos esperavam horas diante da estátua, de chapéu na mão. Aquele Imperador de bronze recordava-lhes o jovem doutor camponês, Modéstia e Autoridade, que viera do nada para assombrar os mestres. Olhava para longe, erecto como um promontório.<sup>14</sup>

Na primeira edição (1972), a estátua mantém-se apenas como figura de adoração, encerrada no gabinete do Imperador, onde se viria a confundir com o próprio e a substituí-lo para conversações com ministros e secretários, enquanto o imperador se entretinha na Câmara de Torturar Palavras; na edição de 1979, a estátua torna-se marco territorial, transcende essa simbologia idólatra para se tornar uma transposição física representativa do poder da metrópole nos territórios em África<sup>15</sup>:

<sup>14</sup> Na edição de 1972 (p.36): “[...] Penetrar no gabinete era impossível. Os únicos que tinham licença de chegar mais perto – os pares do Reino e um ou outro notável em visita – ficavam na sala ao lado, onde reunia o conselho dos excelentíssimos, e esperavam pelo Imperador. Em boa verdade ele já lá estava e há muito, presente para a eternidade. Ao fundo, e à cabeceira da mesa. De pé. Numa estátua em tamanho natural.

#### A ESTÁTUA QUE FALA

Vestidos de luto e todos de óculos inteligentes, os cortesãos esperavam diante da estátua, de chapéu na mão. Aquele Imperador de bronze recordava-lhes o jovem doutor camponês, Modéstia e Autoridade, que viera do nada para assombrar os mestres. Olhava para longe, erecto como um promontório.”

<sup>15</sup> Apenas a primeira frase é uma variação da que consta na edição de **1972** (pág. 37).

Certos visitantes tocavam-lhe com o dedo: tinham à frente deles o Chefe!, o irmão-irmão, o gémeo; o que ficaria para os séculos, Saber e Autoridade, como um vasto eco de panteão à meia-luz. Sentiam um sossego de passado e de viagem naquela figura esverdeada, qualquer coisa de emissário do velho Império [...].

E na verdade ele conservava-se ali como um cristão de muita história, o último a abandonar os impérios revoltados e os delírios coloniais, e estava numa indiferença solitária, tal como o tinham encontrado as tropas em retirada. **Nenhuma das estátuas do Imperador espalhadas na imensidão da selva e das capitanias tinha resistido à vingança dos rebeldes, só aquela.** (Cardoso Pires, 1979: 82)

Destacámos uma das frases a negrito para assinalar o facto de que apenas uma estátua bastava para marcar o rasto do poder do Imperador, que se recusa a abandonar “os impérios revoltados” com “indiferença solitária”. Que “indiferença”? É a indiferença, deduzimos nós, ante a passagem do tempo e o avanço intrépido da morte e da selva. A soberania monumental da estátua transcende o tempo transitório do homem, revestindo-se de um carácter sagrado. Contudo, quem vê a estátua apercebe-se de um gesto de vingança:

Apesar de, como notaram com estranheza, lhe ter sido arrancado um braço e, para mais, o direito – repararam a seguir – o da mão que assinava as sentenças. Aí perceberam

#### A LIÇÃO DA VINGANÇA.

Aquele sinal de punição aparecia como um aviso, uma profanação calculada, na serenidade de um corpo que a morte tinha em seu poder. E a morte, no parecer de um dos capelães da expedição, protegera a imagem mutilada revestindo-a de um sal verde, de floresta, vómito ou fel do bronze, que a tornava mais antiga e com manchas que faziam lembrar as chagas dos cadáveres sagrados. (Cardoso Pires, 1979: 83)

O braço direito da estátua, “o da mão que assinava as sentenças”, não existe. O poder, além de soberano perante a passagem do tempo, é sempre associado à palavra, à escrita. O poder que a estátua representa é um poder essencialmente retórico, burocrático, técnico: é na assinatura de sentenças que se decidem os destinos daqueles que se transviam do poder, pelo que terá sido por isso que o braço direito fora decepado. A estátua é, portanto, entendida como um objeto sagrado que sofre uma profanação – e isso, pelo contrário, só a torna mais sagrada, com manchas que lembravam “as chagas dos cadáveres sagrados.”

Reforçamos que este trecho só existe na edição de 1979 e 1988, e que tem uma ligação direta àquilo que o autor redige no seu posfácio de 1979. Além da “desmemória” que tende a alastrar-se, no dizer do autor, leiamos o primeiro parágrafo desse posfácio, no qual se explica a ideia que deu origem à fábula:

Esta fábula vem duma fotografia datada de Londres, Outubro de 69, onde eu vivia então. Tenho-a aqui entre lembranças que mandei de mim e lá estou eu, voltado para a pátria e para os meus – mas com a pata dum dinossauro a ameaçar-me pelas costas. Há um fundo de floresta que me confere solidão. (Cardoso Pires, 1979: 119)

A “pata dum dinossauro” que ameaça o autor pelas costas parece sugerir uma ligação ao braço direito da estátua decepada. Afinal, a estátua, o imperador e o dinossauro são a mesma criatura: nomes diferentes que outorgam à entidade do ditador a sua aura monumental e soberana.

Muito mais poderia ser acrescentado em relação ao símbolo da estátua, à descrição do Reino ou aos *incipit*, entre outros elementos, tópicos e episódios que merecem igualmente destaque, mas urge concluir. Fica, no entanto, um primeiro registo analítico e compara-

tivo das diferenças entre as edições de 1972 e 1979. Estas manifestam uma polimórfica caracterização literária de um tempo e de um espaço condensados numa obra total, literária e visual, e que nos ensina a combater a desmemória e a mentira, não obstante o ruído dos dinossauros e dos fundos de floresta que conferem solidão.

## REFERÊNCIAS

### *Corpus de análise*

- CARDOSO PIRES, José (1972). *Dinossauro Excelentíssimo*. Lisboa: Arcádia.
- (1979). *O Burro-em-Pé*. Lisboa: Moraes Editores.
- (1988). *República dos Corvos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- (1999). *Dinossauro Excelentíssimo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- (2016). *Dinossauro Excelentíssimo*. Prefácio de Carlos Reis. Lisboa: LeYa, Livros da Coleção RTP.

### Obras citadas

- Abreu, Maria Fernanda de (22 de Novembro de 2018). Conferência “Livros que foram Notícia”: *Dinossauro Excelentíssimo* (1972), de José Cardoso Pires, in Bibliotecas Municipais de Lisboa (Org.). *Ciclo de Conferências em Homenagem a José Cardoso Pires*. Hemeroteca Municipal de Lisboa.
- Barata, Eduarda (2012). *Bestiários dispersos em obras de Gabriel García Márquez, Horacio Quiroga, José Cardoso Pires e Miguel Torga*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em RUN – Repositório Universitário de Lisboa <<http://hdl.handle.net/10362/10151>>, 04/04/2025.
- (2020). *A retórica do poder em Dinossauro Excelentíssimo de José Cardoso Pires e El otoño del patriarca de Gabriel García Márquez*. Tese doutoral apresentada e defendida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, em Julho de 2020. Disponível em [https://run.unl.pt/bitstream/10362/104270/1/TESE\\_FINAL\\_EduardaGilLopesBarata22351.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/104270/1/TESE_FINAL_EduardaGilLopesBarata22351.pdf).

- Infante do Carmo, Carina (2008). “O ditador vai nu: uma leitura bakh-  
tiniana de *Dinossauro Excelentíssimo* de Cardoso Pires”, in Ana Ale-  
xandra Seabra de Carvalho (coord.). *O Jogo no Jogo – Divertimento,  
Experimentalismo, Problemática do Literário*. Actas / I Colóquio de  
Literaturas Românicas. Departamento de Letras Clássicas e Moder-  
nas da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do  
Algarve (pp. 165-181). Lisboa: Roma Editora. Disponível em [http://  
sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/5800](http://sapiencia.ualg.pt/handle/10400.1/5800) [consultado a 10/01/2025].
- LEPECKI, Maria Lúcia (2003). *José Cardoso Pires – Uma vírgula na paisagem*.  
Roma: Bulzoni Editore.
- Letria, José Jorge (25 de fevereiro de 1989). “Entrevista a José Cardoso  
Pires – Cardoso Pires e a república das fábulas”. *Fim-de-semana, o diá-  
rio cultural*. Lisboa: Editorial Caminho. Obtido de Dossier Digital dedi-  
cado a José Cardoso Pires, Hemeroteca Digital. Disponível em [http://  
hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/josecardosopires/  
Recensoes/AREpublicadosCorvos/ODiario\\_25Fev1989\\_SupCultural\\_0009.pdf](http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/josecardosopires/Recensoes/AREpublicadosCorvos/ODiario_25Fev1989_SupCultural_0009.pdf) [consultado a 10/01/2025].
- ROSAS, Fernando (2001). “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o  
Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise social*, XXXV, 157:  
1031-1054. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/41011481>  
[consultado a 10/01/2025].

